

## (RE) LENDO “AAD69” HOJE

Érica Karine RAMOS QUEIROZ

Universidade Estadual de Campinas

A Análise do Discurso para Pêcheux se constitui como um instrumento que busca analisar os discursos ideológicos e intervir na prática política por isso ao construir sua teoria em “AAD 69” busca intervir de modo crítico nos campos teóricos das ciências humanas e sociais, -da lingüística, do materialismo histórico, da psicanálise<sup>1</sup>- e assim teve como objetivo provocar uma ruptura no campo ideológico das “ciências sociais”, i.é, procurou intervir teoricamente e praticamente onde elas eram inconsistentes epistemologicamente: no conceito de sujeito, história, sociedade através do discurso construindo um dispositivo experimental e teórico que ele *progressivamente, amadureceu, explicitou, retificou*<sup>2</sup> para descrever o funcionamento da língua.

Contrapôs-se às teorias psicologizantes no seu fundamento que é o sujeito intencional, individual se opondo ao behaviorismo e a metodologia da psicologia experimental (estímulo-resposta) e para isso introduz o conceito de história e de língua no campo das ciências sociais, visto que o conceito de língua como funcionamento é ausente nestas teorias. No campo da lingüística, Pêcheux introduz o conceito de história articulado com o conceito de língua, i.é, se opõe à análise do conteúdo metodologia usada, naquele momento, pelas ciências sociais para fazer análise de texto.

Em AAD 69, temos o início da construção do dispositivo teórico, mas o investimento maior está na construção do dispositivo analítico, de uma máquina que fizesse análise de textos. Aqui é preciso considerarmos que a informatização

---

<sup>1</sup> Pêcheux não se refere explicitamente ao campo do materialismo histórico e da psicanálise em AAD69.

<sup>2</sup> In: Mالدیدیر, Denise (1990). Trad: E. P. Orlandi. Potes, SP, p.16.

para Pêcheux era um objeto epistêmico, um instrumento de linguagem que significava; não era uma relação meramente instrumental/técnica.

Para propor os seus deslocamentos em relação às teorias acima citadas, Pêcheux toma como objeto de análise o **discurso** já em “AAD 69” definido como “efeito de sentido entre interlocutores”. Objeto de unidade lingüística e histórica constituído em sua heterogeneidade. Ao trabalhar com a noção de discurso Pêcheux já produz uma crítica ao modo simplista daquele momento (anos 60) de conceber a língua como instrumento conteúdista, de comunicação e de informação que se dá entre emissor e destinatário. Teoria defendida por Jakobson:

*“O destinador envia uma mensagem ao destinatário. Para ser operante, a mensagem requer antes um contexto ao qual ela remete (é isto que chamamos também, em uma terminologia um pouco ambígua, o “referente”), contexto apreensível pelo destinatário e que é verbal ou suscetível de ser verbalizado; em seguida a mensagem requer um código, comum, (ou ao menos em parte, ao destinador e ao decodificador da mensagem). A mensagem requer, enfim, um contacto, um canal físico ou uma conexão psicológica entre o destinador e o destinatário, contacto que permite estabelecer e manter a comunicação”. (JAKOBSON, 1963, p.213-214)*

Observamos desde a “AAD69” o trabalho teórico de Pêcheux para não relacionar a noção de enunciador à conceitos filosóficos de inconsciente, liberdade do indivíduo. Por isso para Pêcheux, a língua não é só comunicação, informação, mas é o discurso na relação com as formações imaginárias; é efeito de sentido que tem um funcionamento que lhe é próprio o que torna-se imprescindível pressupor a não transparência da língua, a não transparência da história e a não transparência do sujeito. Na língua temos lugares sociais projetados como posições representadas no processo discursivo.

No tocante ao conceito de língua -um dos pilares da AD sendo o outro o materialismo histórico- Pêcheux em AAD69 procura fazer um deslocamento da dicotomia língua-fala (proposta por Saussure) para língua-discurso na relação com

o funcionamento interno próprio da língua e opaco a consciência do sujeito. Retomando noções como *sistema*, *valor*, *instituição*, em relação à noção de funcionamento da língua Pêcheux fala das conseqüências do “Curso de Lingüística Geral” de Saussure. Incidindo sobre este uma crítica no que concerne ao conceito de fala e de analogia dizendo que se Saussure avançou por um lado ao propor o conceito de língua rompendo com toda a tradição anterior e institucionalizando uma ciência nova, a lingüística, por outro lado retroage com o conceito de analogia por associações psicológicas. Embora Pêcheux não negue o conceito de língua proposto por Saussure quando este diz ser a língua um sistema do simbólico capaz de equívoco, falha, que tem uma estrutura, uma autonomia relativa, Pêcheux propõe os deslocamentos de função (proposto por Saussure) para funcionamento, etc.

Ainda, no que diz respeito à língua, esta se caracteriza como estrutura sendo que o que se opõe a essa estrutura é o acontecimento que se define historicamente e o sujeito é um efeito dessa relação da estrutura com o acontecimento. No que diz respeito ao funcionamento da língua, este não é somente lingüístico, mas também está em relação à colocação dos protagonistas no discurso, i.é, as condições de produção, pois para Pêcheux era importante explicitar o funcionamento dos processos discursivos na sociedade, por isso a centralidade desta noção. Em poucas palavras, para Pêcheux o que se opõe a estrutura não é o sujeito, mas sim o acontecimento visto que a língua se caracteriza por ser um sistema. Portanto, a língua funciona como base material e o discurso trabalha seus sentidos na história (construída através do sujeito e no sujeito) produzindo efeitos de sentido.

Já que falamos do primeiro pilar da Análise do Discurso “Pechetiana” torna-se relevante falarmos do segundo pilar, já dito anteriormente, que foi o materialismo histórico através da leitura que Althusser faz produzindo deslocamentos ao trazer essa teoria para reflexão no campo do marxismo e da psicanálise, refletindo sobre as formações sociais, os aparelhos ideológicos do Estado e a ideologia. Nesse sentido, em *Langages* 24 (1971) “*La semantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours*” (p.102) os autores definem o

que é materialismo histórico em um parágrafo: “Dado uma formação social e o momento determinado de sua história, ela se caracteriza pelo modo de produção que a domina, a partir de um estado determinado da relação de classe que a compõe”. Althusser afirma que para pensarmos os efeitos de dominação de uma classe sobre outra torna-se necessário pensarmos como a ideologia produz sujeito, i.é, como se produz sujeito a partir da ideologia, ou seja, o indivíduo se envolve em práticas sociais enquanto sujeito e este é efeito de uma produção que tem a sua base no funcionamento da ideologia. Então, nessa perspectiva, Pêcheux se propõe a pensar a contradição que se dá na luta de classes constitutivas da sociedade, os processos de produção de sentido, as instituições, a história e a ideologia.

Embora o enfoque em AAD69, estivesse na construção de um dispositivo analítico, torna-se interessante ressaltarmos aqui que conceitos teóricos formulados, amadurecidos, posteriormente por Pêcheux, já estavam em germe, pré-figurados na “AAD 69” visto que a sua teoria não foi construída em fases estanques e sim em numa relação constante de revisões/reformulações, críticas. Então, se fazem presentes conceitos como o de *discurso*, o *equivoco*, *leitura*, o *lugar da semântica na lingüística*, *formações imaginárias*, *efeito de sentido*, *efeito metafórico* e *condições de produção*.

Assim, considerando que Pêcheux nunca deixou de propor remanejamentos em sua teoria, e que o conceito de condições de produção é central em sua teoria deixamos para reflexão o seguinte questionamento: como se dá o conceito de condições de produção em “AAD 69” e esse conceito foi desenvolvido/amadurecido posteriormente?

Pêcheux nos diz em “AAD69” que as condições de produção, se dão no discurso, caracterizam um processo discursivo e consideram os discursos prévios com os quais os objetos empíricos que o analista descreve se relacionam, visto que elas não são só representações, projeções imaginárias de situações objetivas, mas consideram o estado anterior do processo discursivo. Sendo assim, as condições de produção são projeções imaginárias, são frutos do processo discursivo e por isso é impossível definir sua origem, pois ao se tornarem

discursivas fazem parte da discursividade. Relevante é notarmos que em “AAD69” já temos uma reflexão sobre as condições de produção bem desenvolvida e que não encontramos nos textos posteriores de Pêcheux uma retomada ou amadurecimento, pelo menos explícita, desta noção. Courtine é que em *Langages* 62 (1981) problematiza a noção de condições de produção dizendo que a emergência, o advento desta noção já é problemático porque ela pressupõe pelo menos três origens: 1) na análise do conteúdo; 2) sociolinguística; 3) a análise distribucionalista de Harris o que justifica a sua crítica e propõe a substituição desta noção pela noção de formação discursiva por parecer, para Courtine, ser mais viável. Mas, podemos dizer que Courtine se equivoca ao fazer uma leitura empiricista da noção de condições de produção e esquece que esta tem também uma de suas origens no materialismo histórico e está explicitamente relacionada com a noção de formação imaginária já na AAD69.

Ainda, visto a centralidade da concepção de sujeito para Pêcheux assinalamos que em “AAD69” temos uma noção de sujeito que ainda será muito refletida por Pêcheux no processo de pensar e repensar sua teoria, considerando que nesta fase temos o protótipo de uma teoria que ainda está por vir, ambígua em certos pontos, inconsistente em outros. Sendo assim, ainda não temos o conceito de sujeito dividido, nem uma distinção do que é da ordem do imaginário e do que é da ordem do constitutivo, nem do que está no nível da constituição e o que está no nível da formulação do sentido. Ou seja, na AAD69 ainda não encontramos uma reflexão desenvolvida sobre o eixo da constituição, do interdiscurso embora o seu germe já estivesse lá quando Pêcheux fala dos processos de discursividades (que são lingüísticos e históricos), da relação de um texto com os outros textos possíveis.

Por fim, na conclusão provisória do *Análise Automática do Discurso* Pêcheux diz que o “projeto que acabamos de implementar é incompleto sob vários aspectos” (PÊCHEUX e FUCHS , 1990, p.147) e segue tecendo considerações sobre as dificuldades e perspectivas para a aplicação de sua proposta de análise de discurso enquanto teoria geral da produção dos efeitos de sentido lançando

questões sobre a leitura, os textos e os sentidos que desembocarão nos textos futuros de Pêcheux em conceitos teóricos centrais para a prática de sua teoria.

### **Bibliografia**

CLAUDINE, Haroche, P. HENRY e M. PÊCHEUX. “*La semantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours*” Langages 24 , Larousse, 1971.

COURTINE, Jean-Jacques. Langages 62, Larousse, 1981.

MALDIDIER, Denise. *A inquietação do discurso- (Re)ler Michel Pêcheux Hoje*. Tradução Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

ORLANDI, E.. *Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX M. e Gadet, F. *La Langue introuvable*. Paris: Maspero, 1981.

PECHEUX M. e FUCHS. C. *Por uma análise automática do discurso. Uma Introdução a Obra de Michel Pêcheux*. Org. Françoise Gadet; Tony Hak. Tradutores Bethania S.Mariane...[ et al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

PÊCHEUX, M. *Discurso: Estrutura ou Acontecimento*. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1990.